

ARRUAÇAS – UMA FILOSOFIA POPULAR BRASILEIRA (LUIZ ANTONIO SIMAS, LUIZ RUFINO, RAFAEL HADDOCK-LOBO)

Everton Marcos Grison

Guimarães Rosa inicia o livro *Grande Sertão Veredas*, a partir do elemento da língua escrita *Nonada*, um marco de assombro para dizer aos que iniciam a saga: ou desistem na primeira palavra ou se comprometem de corpo e alma, com as artimanhas da vida incrustada na luta diária, na relação com a terra, a vida, o sol, os animais e as demais pessoas. O autor transita pelo popular talhando à linguagem com o soro da diversidade reflexiva, coletando retalhos dos variados contextos e possibilidades linguísticas, na constituição de um cenário complexo e pesado, pois a vida não é “mingau aguado” e a verdade pesa mais que o cair de uma pena.

Não é simples falar do popular, pois é preciso pés no barro, ou seja, não basta esbravejar como um sopro vocal, típico daqueles que ficam enfurnados no interior de seus gabinetes, rotina em muitos departamentos universitários pelo país, realizando “pesquisas” sobre os mais variados temas, a partir do peso das suas elucubrações e do copia e cola de textos de pensadores. Se tudo for pesquisa, se tudo for aceitável, a pesquisa propriamente não será nada, provavelmente diriam muitos. Quanto a linha do que é ou não crítica, daquilo que permaneceu nas cercanias das limitações possíveis da razão, essa disputa entre Kant e Hegel ultrapassa o mundo empírico balançando o aquém e além, onde vivem os mortos.

Aquilo que é ou deixa de ser, no limite precisa de um azeitamento para desfrangir a testa, baixar as armas da costura limitadora, repensando os paralamas que aparam os gritos da terra e da *Vida que Ninguém Vê*, para lembrar do magnífico livro da pensadora Eliane Brum. Os moralistas de departamento torceriam o nariz, com dedo em riste a partir das gaiolas definidoras identitárias, que ela é jornalista

e não uma pensadora. Com pólvora na pena é possível enfrentar o autoritarismo: qual o limite entre a jornalista e a pensadora? Jornalista não pensa? Não vale a pena dar “murros em ponta de facas”.

A vida que pulsa diariamente exige menos que os grandes tratados filosóficos. Suas necessidades se inscrevem mais nas miudezas, naquilo que muitos desde Platão, relegaram ao espaço do efêmero, como distante das formas verdadeiras, para lembrar suas reflexões no diálogo Hípias Maior. O popular é mais rua, esquina e encruzilhada, que a anemia existente na vida dos palacetes ou nas mentes dos detentores da verdade. A verdade do popular não se deixa prender. Se presa, tanto quanto a lebre, esperneia e morre de fome, como protesto ao domínio que tentam lhe impor.

Pensando nas miudezas de uma filosofia popular brasileira, e isso implica dizer que as miudezas não são como os miúdos dos frangos, partes pouco procuradas nos açouges, elas se apresentam com força própria e não querem nada menos que a vitalidade que lhes cabe. Deixar falar, diferente de dar voz, pois sejam as pessoas ou as miudezas de uma filosofia popular brasileira, as vozes existem e o que lhes falta é espaço e ouvidos que se deixam tocar pelo aveludado de seu tom. Aprende-se demasiadamente a lidar com a frieza da linguagem, muitas vezes jogando na lata do lixo aquilo que parece menor. Aquilo que é pequeno pode carregar algo maior.

Na linha desse batuque que o livro: *Arruaças – uma filosofia popular brasileira* se coloca. Escrito pelos mosqueteiros Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino e Rafael Haddock-Lobo possui 199 páginas e foi publicado pela editora Bazar do Tempo. A referência ao livro de Alexandre Dumas não é atoa, pois tanto quanto no escrito francês, no qual os três mosqueteiros são na verdade quatro, neste livro há muito mais gente que a trinca citada. Eles propositalmente aparecem pouco, pois nas arruaças o caminho não é convencional.

Luiz Antonio Simas é escritor, historiador, professor e compositor popular. Possui uma intensa produção reflexiva, espalhada em diversos livros e em mais de uma centena de artigos publicados em jornais e revistas. É coautor juntamente com Nei Lopes, do *Dicionário da História Social do Samba*, que recebeu o Prêmio Jabuti de Livro do Ano de Não Ficção, em 2016.

Luiz Rufino é escritor, pedagogo e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui uma intensa produção reflexiva sobre as culturas brasileiras, educação, religiosidades, diáspora africana, filosofias e crítica ao colonialismo. Também é autor de: *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019).

Rafael Haddock-Lobo é filósofo e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nessa instituição coordena o Laboratório X de Encruzilhadas Filosóficas. Possui uma vasta produção bibliográfica e de crítica à colonialidade. É autor de: *Da existência ao infinito* (2005), *Derrida e o labirinto de inscrições* (2008), *Para um pensamento úmido* (2011), *Experiências abissais* (2019) e *Os fantasmas da colônia* (2020).

Os autores são perpassados por movimentos que ultrapassam as garantias imaginárias dos conceitos. Na verdade, a conceitualidade não é garantia de terreno fixo. Para colonizadores e colonizados isso representa um giro de capoeira que faz tontear por semanas. Os conceitos também podem ser cadeiras de arruar, do mesmo tipo que eram usadas pelas sinhás para se sentarem, sob o lombo calejado e marcado de violência e humilhação dos escravos. Entretanto, elas vão encontrar um tombo celestial em meio ao mar de sangue e destruição, pois os corpos carregadores não estarão mais lá disponíveis, aos seus prazeres de dominantes. Eles viraram fundanga, são pólvora com poderes mágicos que correm com as lebres, pelo mundo que lhes pertence por honestidade.

Trata-se, portanto, de uma crítica à colonialidade que determina nossas formas de ser e pensar, desde antes do nosso nascimento, que definem as existências e persistem como determinantes, mesmo após a sepultura se tornar morada física de cada um. Entretanto, a crítica ao binarismo europeu, por exemplo, pode escorregar em outras perspectivas duais, como a ilusão da essência e a crítica da deturpação. Para os autores, o antídoto para não sermos mordidos pelo veneno nosso de cada dia está na valorização da porosidade, ou seja, a filosofia que se ocupa das miudezas.

O cuidado com as miudezas não é o equivalente a um processo de romantização da crítica, como uma espécie de subsistência apequenada no submundo das reflexões. Em verdade está em questão uma filosofia feita a *golpes de navalha*, uma simultaneidade entre sujeito e objetos projetados pela própria ação, com cada coisa existindo em seu lugar, navalhando as hierarquias que inferiorizam os saberes populares, pois a luta contra a colonização também é uma disputa contra a ideia dos saberes mais e os saberes menos. Há saberes diferentes sim, mas nenhum deve andar em cadeiras de arruar.

Paulo Freire, pensador que precisou se exilar do seu país, por elaborar uma metodologia de alfabetização aos menos favorecidos, incomodando demasiadamente as oligarquias nacionais, além de escrever uma pedagogia pautada na liberdade e na compreensão dos sujeitos nos diferentes contextos históricos, sociais, econômicos e políticos, ensinando que os saberes e as pessoas não vivem em mundos separados, provavelmente ficaria de sorriso largo com este livro nas mãos.

Essa colonialidade é produtora de quebrantos, isto é, produz uma espécie de “olho gordo”, um estado de adoecimento, que se faz pela pura rapinagem, degradação dos recursos naturais, pelo estupro do corpo e das almas que geram uma condição constante de abatimento, desesperança e até acomodação. Ocorre uma espécie de desmantelamento, como se a vida fosse sugada por forças que ultrapassam a compreensão.

Tais forças se inscrevem no interior de um tempo linear, resultante da adoção de um modo de pensamento e organização histórica único, que investe constantemente para inviabilizar a diversidade. Também é silenciamento, perda de palavras e vivência. Tanto quanto

é uma desolação aos boiadeiros perder um boi, perder as palavras é o equivalente a deixar escapar preciosidades.

Este manejo das palavras se faz a partir dos ensinamentos das ancestralidades, das diferentes celebrações e do investimento na gramática do tambor, na prática política de presença. “Na gramática do tambor, nas culturas de síncope, se diz para confundir e se confunde para dizer” (p. 47). É um lidar com o não lugar, com o não dito, pois nem tudo precisa ser definido em categorias enquadradas em sistemáticas fechadas. Muito da singularidade das miudezas da vida ressoa no afundar dos calcanhares pelo chão trilhado, na presença das demais pessoas, isto é, nas encruzilhadas da vida.

Essas encruzilhadas abrem as dobras de uma pedagogia da diversidade, na qual aparecem as autorias de boiadeiros, aqueles que são bons na ensinança da filosofia, na mitologia indígena e africana, na força do Preto Velho, na reverberação de Exu Caveira, nas possibilidades e carnavaлизações do mundo feitas por Odara, nas tiras de mundo de Maria Mulambo, na profundidade da dor da fome e do discurso filosófico de Maria Carolina de Jesus, na epopeia de João Cândido, na produção a partir daquilo que é descartado como lixo, mas que vira tesouro com Estamira Gomes de Souza, com seu Zé Pelintra, Madame Satã e muitos e muitas outras existências que não cabem nos limites dessas linhas.

As escolas de samba possuem um papel fundamental na elaboração dessa vanguarda pedagógica no Brasil, pois para além do desfile tornado produto pela indústria da cultura, especialmente a expropriação do samba feita pela indústria fonográfica e o estado brasileiro, com o intuito de tornar a música acessível ao gosto dos consumidores, o carnaval possui uma intensa mobilização social e movimenta reflexões sobre temas e problemas latentes na vida das pessoas. Desta maneira, o samba para além de um fenômeno musical é um fato social que demanda reflexão.

Este fato social tem grande representatividade reflexiva e prática, ao questionar constantemente sobre a violência do fenômeno colonizador, da empresa da mentira, espólio e destruição. São muitos os gritos de indignação e de convite para a mudança necessária, em uma sociedade que passivamente aceita a normalização de uma política de dominação e extermínio, que, por exemplo, foi claramente defendida desde o início da pandemia de Covid-19, pelo governo federal genocida, de Jair Messias Bolsonaro.

O livro é dividido em três partes: Fundanga, Quizumba e Cafofo que podem ser lidas em separado. Os textos são curtos e sempre são abertos com citações de frases, trechos de enredos de escolas de samba ou de ideias de pensadores e pensadoras da rua. A brevidade dos textos não os torna simplórios e a habilidade de síntese dos autores, demarca cada texto como uma pequena carta que chega no interior de uma garrafa, para contar sobre um tesouro que está diante dos nossos olhos.

A orelha do livro é assinada pela professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Janaína Damaceno. A apresentação é escrita por Wanderson Flor do Nascimento, professor do departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UNB). O livro ainda é acrescido de um glossário esclarecedor e referências bibliográficas. Como dizia Antônio Abujamra em seu programa de entrevistas, se trata de um “periscópio diante do social”. Que não fique condenado às prateleiras empoeiradas, do esquecimento bibliotecário.